

# Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

execução feita com requintes de técnica. Oh, se alguma senhora me lê, pare por aqui; eu sou um repórter fiel e tenho de contar tudo. A verdade é que não assisti ao ato nefando; tio Estácio também não; o carrasco foi Argemiro, o local, afastado da casa grande. Ficamos tomando refrêscos de maracujá para acalmar os nervos, procurando não pensar no que estava acontecendo naquele momento. Juro que eu ainda tinha uma vaga esperança, um sonho louco de que o crime não se concretizasse, o carneirinho talvez pudesse fugir, ou talvez na hora o braço de Argemiro tombasse...

Mas aconteceu: uma paulada rija na cabeça e depois o bichinho ainda vivo, foi sangrado.

É horrível pensar nisso. Vamos encerrar o assunto. Na verdade não houve mais nada. Apenas dona Irene passou o dia inteiro muito ocupada, dirigindo o serviço de duas negras e ela mesma trabalhando como doida.

No dia seguinte todo mundo acordou com um ar estranho, Lula e Juca disseram que nem queriam tomar café. Mário e Manuel chegaram de longe, havia alguma coisa no ar. Pelas duas ou três horas da tarde essa coisa que estava no ar aterrissou na mesa.

Lá em cima eu falei de religião. Pois se há alguma coisa que pode dar uma idéia de céu, de bemaventurança, de gostosura plena — é buchada. Intestinos e vísceras mil, sangue em sarapatel, tudo se confunde junto ao pirão, esse fabuloso pirão em que a gente sente a alma celestial do carneirinho. Devo dizer que os miolos foram comidos dentro do crânio, com toda dignidade; e aquela parte em que o carneirinho prova que não é ovelha foi petiscada frita — uma delícia. Comemos, comemos, comemos, comemos; e cada vírgula entre os verbos quer dizer pelo menos uma cachacinha, e o ponto-e-vírgula pelo menos duas. O ponto final foi um grande sono de rede. E se vocês além de tudo ainda querem saber o moral da história, direi baixinho, envergonhado e contrafeito, mas confessarei; o crime compensa.

## CHEIRO DE TERRA

RONALD DE CARVALHO

*Há versos que são como um jardim depois da chuva:*

*Deixam em nós a sensação de água caindo,  
Caindo em bôlhas trêmulas da ponta das fôlhas,*

*Escorrendo da pele macia das pétalas,  
Pingando dos galhos lavados, gôta a gôta,  
Pingando no ar...*

*Versos que cheiram a terra molhada,*

*Versos que são como um jardim depois da chuva...*

## Buchada de carneiro

UM dia, quando este mundo fôr realmente cristão, eu acho que ninguém terá coragem de matar um carneiro. Até que já devia ser pecado, matar carneirinho. Tem tanto pecado na religião que a gente por dentro, mesmo, não acha, não sente que é pecado — e matar um carneiro, ato bárbaro, contra um bichinho tão inocente, a balar, a chorar, é considerado coisa honesta! Entretanto desejar a mulher do próximo é pecado. Vamos que seja pecado avançar na mulher do próximo, cantar a mulher do próximo, telefonar com más intenções para a mulher do próximo — mas cobiçar, meu Deus, não devia ser pecado, porque muitas vezes é somente castigo e aflição; eu que o diga!

Mas voltamos ao carneirinho; e contemos que tio Estácio carregou o bicho dentro da camioneta horas

e horas, o tempo todo ele chorando, como se adivinhasse o fim da viagem. Tio Estácio até chegou a botar um esparadrapo tapando a boca do bichinho para ele não se lamuriar mais, porque os balidos feriam a consciência, cortavam o coração dos algozes. Mas de esparadrapo na boca o carneirinho ficou tão infeliz chorando para dentro, tão desgraçado, que tio Estácio tirou o esparadrapo. E durante horas continuou aquela triste lamentação. Foi de noite que eles chegaram ao sítio. Um camarada queria amarrar o carneirinho lá fora, onde ele pudesse comer capim; tio Estácio achou que era perigoso, tem muita cobra: "aliás, ponderou, como ele vai morrer amanhã, não convém que coma hoje: assim dá menos trabalho de limpar". Vejam que bom coração é o tio Estácio!

No dia seguinte, ao romper d'alva deu-se a

